

O ENSINO DE ARTES E O USO DAS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO: UM PROCESSO DE FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA COM JOVENS DE COMUNIDADES POPULARES

Edson Rodrigues Macalini¹

Resumo: Este trabalho faz uma revisão bibliográfica das oficinas realizadas com adolescentes no Município de Paranaguá-PR, no Projeto Navegando nos Direitos, da ONG Ciranda. A instituição desenvolve um reconhecido trabalho de articulação e mobilização social com adolescentes por meio da criação de materiais comunicativos que são disseminados para toda a comunidade local. A educomunicação foi utilizada nas oficinas, com a criação de ecossistemas comunicativos que possibilitassem a formação para uma crítica social pautada na dialogicidade. O uso dos elementos estéticos sob uma abordagem não-formal para o ensino de Artes criou uma relação comunicativa para a leitura das imagens, a partir do diálogo sobre o significado cultural, para cada um dos participantes, das imagens abordadas. Definiu-se com todos os educadores as atividades práticas que aplicariam nas oficinas. Estas atividades possibilitariam a criação de audiovisuais em Stop-Motion, os produtos finais são geralmente usados em eventos da própria instituição, em oficinas e em canais de disseminação como as redes sociais.

Palavras-chave: Ensino de arte- Não-Formal. Educomunicação. Formação cidadã.

¹ É arte/educador Licenciado em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Atua na pesquisa do ensino de Artes na educação não-formal, ONGs, parcerias entre poder público e privado, formação de professores e Educomunicação. Atualmente participa do grupo de pesquisa Educação, Arte e Inclusão da UDESC e é mestrando em Artes Visuais pela UDESC. edsonmacalini@hotmail.com / (48) 9644 3276

ART TEACHING AND THE USE OF COMMUNICATION TOOLS: AN EDUCATION PROCESS TOWARDS CITIZENSHIP WITH YOUNG PEOPLE FROM POPULAR COMMUNITIES

Abstract: This paper introduces a bibliographical review of the workshops realized with teenagers from the Paranagua municipality, during the Project Navegando nos Direitos by the NGO Ciranda. This institution develops a well-known work of articulation and social mobilization of teenagers by means of the creation of communication materials, which are spread to the whole local community. Educommunication was applied in the workshops, with the creation of communicative ecosystems, which enabled the education for a socially critical thinking based on dialog. The use of esthetical elements under a non-formal approach for the teaching of art, created a communicative relationship for the reading of images, based on the dialog about the cultural significance to each of the participants of the related images. The practical activities to be applied during the workshops were defined together with all the teachers. These activities should enable the creation of audiovisuals in Stop-motion, the final products are generally used in events by the institution itself, in workshops, and in dissemination channels such as social networks.

Keywords: Non-formal -Art teaching. Educommunication. Citizenship education.

Ciranda – um pouco de sua história

A Ciranda – Central de Notícias dos Direitos da Infância e Adolescência² foi criada no dia 08 de julho de 1998, em Curitiba (PR). Nesse ano, sete estudantes do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC), reuniram-se com um objetivo comum: “Produzir um trabalho sistemático da cobertura e análise daquilo que a imprensa paranaense publicava sobre a Infância e Adolescência”. O sucesso da iniciativa rapidamente fez com que o que deveria ser apenas um trabalho acadêmico tomasse proporções maiores. Desta experiência surgiu uma instituição com foco na produção de comunicação para os direitos da infância.

Alguns professores da época foram os grandes inspiradores do grupo de sete alunas, dando-lhes total apoio, inclusive na articulação da primeira sede da instituição. Desde então, a Ciranda vem ampliando seu leque de ações e desenvolve um reconhecido trabalho para a orientação aos veículos de comunicação do estado do Paraná. Oferecem, por exemplo, pautas especiais que são elaboradas semanalmente, atendimento personalizado aos jornalistas locais e de toda a região, bem como mobilizações da mídia em datas específicas que estejam relacionadas ao universo infanto-juvenil.

Além das ações específicas de comunicação para a mídia local, a Ciranda desenvolve vários projetos com diferentes temáticas e abordagens. Atua em diversas cidades da região metropolitana de Curitiba e participa de instâncias e movimentos de garantia dos direitos da infância e adolescência, como o Fórum de Erradicação do Trabalho Infantil (FETI), a Comissão Intersetorial de Enfrentamento à Violência contra Crianças e Adolescentes, o Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência contra Crianças e Adolescentes e a Rede Creche para Todas as Crianças, só para citar alguns.

A instituição organiza uma disseminação especializada de conteúdos na garantia dos direitos para crianças e adolescentes por meio dos informativos dos projetos, que se apóiam na Educomunicação (esse termo será abordado mais adiante) como atividade de mobilização social.

2 A Ciranda é uma Organização Não-Governamental (ONG), cuja instituição é de direito privado e sem fins lucrativos. Disponível em: <http://ciranda.org.br/site/publico/>

A Ciranda, que tem como missão “Promover e defender os direitos da criança e do adolescente por meio de ações de comunicação e educação para uma realidade mais justa e solidária”, já foi agraciada com diversos prêmios e reconhecimento nacional e internacional pelo seu comprometimento com a promoção dos direitos humanos. No ano de 2.000 recebeu o prêmio Presente do Futuro, que destacava a atuação de jovens mulheres na área social de todo o Brasil. Em 2001 seu site foi premiado com o selo Amigo da Criança, por seu engajamento social em campanha contra a pedofilia. Em 2003 a entidade foi contemplada com o prêmio Comunicador Solidário, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC). O Conselho de Ação Social Empresarial da Associação Comercial do Paraná reconheceu a Ciranda com o Selo Casem 2004, por sua destacada atuação na defesa e na divulgação dos conceitos de responsabilidade social. Em 2005 a instituição recebeu o II Prêmio de Inclusão Digital pelo projeto “Luz, Câmera, Paz! Na Escola” e o prêmio Dignidade Solidária pelo seu site. Em 2007 foi agraciada com o prêmio Top Social, promovido pelo Instituto ADVB de Responsabilidade Social e o projeto Navegando nos Direitos foi contemplado na nona edição do prêmio, que contemplou 35 ações das 187 iniciativas inscritas.

Entre todas as ações e projetos que a Ciranda realiza, o presente estudo focou-se no projeto “Navegando nos Direitos” pela articulação que o mesmo faz da Educomunicação na comunidade local, pelos resultados já obtidos e pelas temáticas que aborda.

Projeto Navegando nos Direitos: A construção de uma prática social

Em 2005 o projeto Navegando nos Direitos foi contemplado pela primeira vez com um financiamento da Petrobrás, no edital Petrobrás Fome Zero. Foi um dos 74 projetos aprovados entre 3.232 projetos inscritos na seleção pública, provenientes de instituições de todos os estados brasileiros,

O projeto é realizado no município de Paranaguá (PR), com foco no fortalecimento de uma rede local de mobilização e conscientização ao Enfrentamento à Exploração Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Suas ações acontecem sempre direcionadas para a região portuária do município. O Porto de Paranaguá é conhecido pelo forte escoamento de grãos oriundos de vários estados brasileiros. Em tal região existe um complexo bolsão de pobreza que desencadeia numa rede

fortalecida de exploração sexual de meninos e meninas pelos trabalhadores do Porto, que chegam de diversas localidades.

A primeira fase do projeto foi desenvolvida no ano de 2006, com diversas ações de mobilização e prevenção à violência sexual de crianças e adolescentes, às DST/AIDS e à conscientização sobre questões como gravidez e drogas. O projeto atuou diretamente junto a quase três mil pessoas, entre eles adolescentes, caminhoneiros (público foco de sensibilização para a disseminação do enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes pelas estradas brasileiras), jovens, professores de escolas públicas e outros agentes como os representantes do poder público local, Conselho Tutelar, Polícia Militar, entre outros.

A Ciranda sempre desenvolve suas ações em parcerias com instituições locais, pensando no fortalecimento de uma rede solidificada e consciente de seu poder de mobilização. Nesse sentido, num primeiro momento foram pensadas e implementadas diversas estratégias junto ao setor de transporte, bem como atividade de reflexão ao incentivo do protagonismo juvenil na cidade de Paranaguá (PR).

Já em 2007, o projeto Navegando nos Direitos buscou como objetivo principal o fortalecimento de atividades diretas para o enfrentamento do problema local, por meio de oficinas de formação com diferentes atores sociais do município. Buscando seu foco prioritariamente em alunos das escolas públicas e professores da rede estadual e municipal de ensino, preferencialmente nas unidades que ficam próximas ao Porto.

Com o passar do tempo, o projeto adquiriu estima, credibilidade e visibilidade localmente e a equipe gestora da instituição buscou, constantemente, a captação de recursos em outros editais e fontes plurais. A intenção era fazer do projeto um programa social.

A inter-relação educação e comunicação sob uma abordagem no ensino não-formal

Tratamos, a seguir, da inter-relação entre educação e comunicação - que é a essência do conceito de Educomunicação - sob a ótica do ensino não-formal e sua natureza relacional.

Cabe destacar que a não-formalidade no ensino é fator presente nas ONGs, que atuam fora do ambiente educacional e em período de contra-turno escolar, estando as partes articuladas ou não. Um exemplo é a Ciranda, que tem como estratégia desenvolver ações locais com instituições de ensino tanto da rede estadual como municipal de educação.

A Educomunicação pode ser entendida como um campo que articula a comunicação com outras áreas do saber, apropriando-se das ciências humanas e sociais para se constituir como área de estudo. Nesse sentido, o ensino não-formal promove outros tipos de saberes necessários para a formação do cidadão, tendo em vista as relações de diálogo presentes na Educomunicação.

Park & Fernandes (2005, p. 35) pontuam que as

Relações que a educação não-formal estabelece [...], pois podem ter como base na história de vida de cada indivíduo, nas suas referências culturais, nas relações que são estabelecidas em diferentes 'lugares sociais' [...]", considerando cada indivíduo como único e diferente, participante de um todo social, pois, a educação tem de promover a irreverência, a criação, propiciando espaços para as trocas de saberes, eliminando pré-conceitos e permitindo o respeito no ambiente educacional.

Sob esses aspectos, as relações e resultados obtidos na educação não-formal tornam-se mais efetivos, tendo em vista a possibilidade e multiplicidade das ações diante da realidade hoje presente principalmente nos grandes centros urbanos.

Para PARK & FERNANDES:

A consolidação de experiências de educação não-formal só é possível devido a uma concepção ampla de educação, pautada numa metodologia dialógica, em que se experimenta, na prática, a construção de um conjunto de ações, reflexões e produções fluido, que se constrói e reconstrói cotidianamente, a partir do que emerge do público participante, havendo assim uma constante troca de saberes entre crianças, jovens, professores, pais, educadores populares e demais membros da comunidade, reconhecendo as diferenças culturais num exercício diário de criatividade e de expressão artística fundamentadas nos indivíduos e na coletividade. (PARK & FERNANDES, 2005, p. 16).

O ensino sob a ótica não-formal é sinônimo de fortalecimento para uma crítica social, rompendo limites e ampliando as possibilidades educacionais, onde o sujeito aprende em diversos lugares, nos grupos comunitários, nas associações, em projetos e programas sociais, inclusive nas ruas.

PARK & FERNANDES endossa que,

O ideal buscado é de uma educação desprovida de adjetivos, que ocorra em espaços e com propostas diversificados e autônomos, flexíveis e parceiros. Esse caminho oferece a possibilidade de uma educação integral e integrada, abolindo disputas que ocorrem, principalmente, quanto à nomenclatura (aula, professor, tarefa, aluno, recreio, reforço escolar, etc.) apropriadas do sistema educacional formal, o que é próprio de um campo educacional nascente e em construção, que tateia entre erros e acertos. (2005, p. 10).

Ao pensarmos o ambiente não-formal como um espaço de promoção e acessibilidade, onde se comunga da idéia de que todos têm o direito do acesso aos bens culturais, percebe-se que é na participação social que se rompe o curso da exclusão. Para tanto, temos o campo do ensino não-formal como o ideal para desenvolver uma ação comunicativa, voltada ao diálogo e na troca de informações.

Estudos referentes à interface comunicação-educação apontam que é

crescente o envolvimento de “pesquisadores, professores e participantes de movimentos sociais, tendo sempre por preocupação fundamental os desafios para pensar o conhecimento, a cidadania, a escola, a educação, em tempos marcados pela centralidade da comunicação” (CITELLI; COSTA. 2011, p. 9).

Nesse sentido, temos dois campos de estudos que se inter-relacionam ao reorientarem práticas e configurar padrões de acessibilidades: Educomunicação e Educação Não-Formal.

Para Citelli; Costa (2011, p.8):

É possível conceber a Educomunicação como uma área que busca pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não-formal no interior do ecossistema comunicativo. Posto de outro modo, a comunicação deixa de ser algo tão somente midiático, com função instrumental, e passa a integrar as dinâmicas formativas, com tudo o que possa ser carreado para o termo, envolvendo os planos de aprendizagem (como ver televisão, cinema, ler o jornal, a revista; a realização de programas na área do audiovisual, da internet), de agudização da consciência ante a produção de mensagens pelos veículos; de posicionamento perante o mundo fortemente editado pelo complexo industrial dos meios de comunicação.

As práticas educativas para uma análise crítica dos padrões comunicativos propostas pelas idéias educacionais, dialogam com os ideais de uma educação não-formal para a formação cidadã, fazendo da experiência educacional um laboratório de relações inter-pessoais e enriquecendo a convivência humana, além, é claro, da formação para além dos conteúdos. O que se espera é uma “educação política, transformadora, comunitária, intertranscultural. Uma educação popular e libertadora, efetivamente democrática, precisa mostrar exemplos de solidariedade crítica, de vida dedicada à ética, que nasce na estética, e de educação política”. (INSTITUTO PAULO FREIRE, 2004, p. 11).

Segundo Ismar Soares³, pesquisador da Universidade de São Paulo, Educa-

3 Ismar de Oliveira Soares é jornalista, professor, educador, com pós-doutorado pela Marquette University Milwaukee Wisconsin. É citado por muitos estudiosos como o primeiro a usar o termo educomunicação no Brasil. Atualmente é coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, professor titular da Universidade de São Paulo e vice-presidente do World Council for Media Education, com

comunicação “é um diálogo permanente, interno e externo, com os grupos de pessoas que trabalham na interface da comunicação e educação”. O autor ainda explica que:

Os recentes estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP, sobre a inter-relação comunicação e educação apontam para a emergência de um campo de intervenção social caracterizado por oferecer um suporte teórico-metodológico que permite aos agentes sociais compreenderem a importância da ação comunicativa para o convívio humano, a produção do conhecimento, bem como para a elaboração e implementação de projetos colaborativos de mudanças sociais.

O conceito da educomunicação propõe, na verdade, a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar.

Em resumo, a educomunicação tem como meta construir a cidadania, a partir do pressuposto básico do exercício do direito de todos à expressão e à comunicação⁴.

No contexto de construção da cidadania, esses dois campos já se entrelaçam com o ensino de Artes na atualidade, ocupando-se da necessidade de relacionar elementos estéticos aos processos comunicativos e as ações não-formais que envolvem a educação para a cidadania.

O ensino de Artes como prática para a formação cidadã

Como seria a prática em Artes, ao considerar os desafios e buscar superar limites convencionais? Haveria uma valorização artística mais ampla, com a possibilidade de maior participação social dos envolvidos?. (BARBOSA, 2005). Com essa pergunta iniciamos nosso percurso para entendermos o caminho que muitas instituições sociais percorrem.

sede em Madrid, Espanha.

4 Fonte: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducomunicacao/texto,2,0,24>

As ONGs utilizam-se de diversos campos do conhecimento para aproximarem seus públicos, principalmente os mais sedutores e prazerosos. A arte é uma delas, pelo caráter social que tem. Ao oferecerem determinadas oficinas, entidades e instituições vão ao encontro das realidades nas comunidades onde atuam, como por exemplo manifestações culturais contemporâneas e locais prestigiados pela juventude. Para Carvalho,

[...] nas ONGs [...] o ensino de Artes é a diretriz principal dos projetos político-pedagógicos. Essa afirmação encontra respaldo em um levantamento realizado por Mary Castro (2001), pesquisadora da Unesco que organizou um banco de dados englobando mais de 300 experiências brasileiras e constatou que todas as instituições utilizavam atividades artísticas em suas propostas pedagógicas. (2009, p. 3).

Para melhor compreender esse estudo, apoiamo-nos na publicação da Unesco “Cultivando vidas – Desarmando violências, 2001”, onde a pesquisadora, Mary Castro dá exemplos reais de como as organizações no Brasil se estruturam pedagogicamente para buscarem e envolverem seus públicos, que na maioria das vezes são crianças e adolescentes em um ambiente saudável e longe de qualquer condição de envolvimento com as diversas formas de violências.

Nessas pesquisas, a arte, o esporte, a educação e a cultura aparecem como um contraponto, elemento estratégico para enfrentar e combater a violência, para construção de canais de expressão alternativos, espaço a ser explorado, um incentivo aos jovens para afastarem-se de situações de perigo, sem lhes negar meios de expressão e de descarga de sentimentos de indignação, protesto e afirmação positiva de suas identidades. (UNESCO, 2001, p. 16).

Ao desempenhar um processo educativo que se relaciona ao campo da educação não-formal, os participantes, que nesse caso são adolescentes, percebem, logo de início, que a intenção é promover espaços de trocas de informações, sempre partindo dos contextos e realidades vividas por eles como um ambiente vivo,

sempre coletivo e participativo, onde se busca a contribuição de cada um para a construção de uma identidade de grupo.

Carvalho (2008, p. 147) colabora e orienta que “A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual”, pois, ao trabalhar a afirmação da identidade da cultura do sujeito, contribui para a construção da valorização pessoal, ao possibilitar que esse sujeito se perceba como cidadão e pertencente ao meio em que vive.

Essas interlocuções são promovidas com eficiência pelas organizações da sociedade civil que, como já visto acima, assumem uma metodologia pautada numa abordagem do diálogo e da construção crítica em seus participantes.

A necessidade dos elementos visuais para aguçar a sensibilidade nos sujeitos, bem como a formação para uma inquietação crítica é defendida por Carvalho (2008, p.12), quando sustenta que é “A ampliação dos referenciais estéticos que melhora a capacidade de apreciação e de crítica, levando os educandos a vincularem os conhecimentos de arte às suas realidades”. Observando as fronteiras e limites entre a educação não-formal, a educomunicação e o ensino de Artes, a autora pondera que,

No entanto, é necessário observar que, para que a educação artística possa contribuir efetivamente no processo educativo, é essencial conhecer seus pressupostos, mas é igualmente indispensável que se compreendam os princípios e os propósitos da situação educativa onde ela será aplicada. A transposição automática de abordagens pedagógicas de uma situação educacional para outra, como, por exemplo, do ensino formal para o não-formal, sem levar em conta as peculiaridades de cada contexto, corre o risco de se transformar em algo inócuo ou desprovido de sentido. Esse aspecto é particularmente importante para os projetos político-pedagógicos das ONGs que empregam arte como meio capaz de transformar os indivíduos e a sociedade. (2008, p. 13).

É importante salientar que a ONG Ciranda define seus objetivos ao uso da Educomunicação como ferramenta educacional. Portanto, a abordagem não-formal

é aplicada ao uso das imagens, nesse caso para o ensino de Artes, como uma maneira de articular o estético como elemento comunicativo que acompanha suas produções nos jornais impressos e nos audiovisuais. Com uma equipe multidisciplinar formada por jornalistas, pedagogos e arte-educadores, foi possível estabelecer uma relação transparente na definição das funções e do papel de cada um nas suas práticas sociais.

Em se tratando de práticas pedagógicas, a construção do audiovisual se deu partindo do primeiro contato com os adolescentes. Como de praxe na instituição, todo o processo inicial se dá por um breve conhecimento territorial, identificando a comunidade, conhecendo seus participantes, trocando informações culturais e dialogando sobre os aspectos que fundamentam as ações propostas pela organização.

Depois desse primeiro momento, os adolescentes são envolvidos em problemáticas que os desafiam a pensar acerca das realidades culturais locais. Logo começa uma “chuva” de informações e relatos das questões sociais que mais os afligem. Essa prática se dá com dinâmicas fictícias que direcionam os participantes a criarem histórias a partir de suas vivências e experiências. Ato contínuo, no caso objeto deste estudo, surgiu o problema da exploração sexual no município e o repúdio dos adolescentes aos trabalhadores que vêm de longe para sustentar esse mercado.

Pelo fato do projeto Navegando nos Direitos já ser conhecido na cidade, quando cada novo jovem que se integra ao coletivo, ou com o início de um novo grupo, a questão da exploração sexual sempre é pontuada em primeiro momento pelos mesmos. A referência que se tem já está construída, pelo fato das ações já estarem há mais de cinco anos sendo desenvolvidas publicamente em espaços públicos como praças, escolas, terminais de ônibus, em passeatas pela cidade, nos meios de comunicação como o rádio, a televisão e os jornais impressos locais.

A transformação mobilizadora do projeto tem resultados bastante positivos. Geralmente cada uma das escolas envolvidas tem um determinado número de alunos para participarem. Essa cota sempre é extrapolada e os jovens, depois de um processo de formação, fazem multiplicação dos conhecimentos adquiridos, que são transmitidos nas escolas e em locais onde há demanda e necessidade de sensibi-

lização.

Nas oficinas, a proposta estabelecida entre os educadores foi a de promover um entendimento do desenvolvimento das mídias e da imprensa como necessidade do homem moderno e suas transformações através dos tempos, chegando à atualidade e compreendendo as diferentes tecnologias empregadas nos meios comunicacionais.

No sentido da Arte, há um breve percurso por meio da história, explorando imagens, conceitos e movimentos artísticos para compreender as necessidades da humanidade através das mudanças visuais, a relação comunicacional que se tem das imagens e como esteve imbricada com o desenvolvimento da imprensa e dos meios midiáticos.

Esse percurso permitiu aos adolescentes perceberem que “a modernidade nasceu com a instituição da crença nas possibilidades da razão, capaz de transformar a sociedade pela dominação da natureza pelo homem” (SOARES, 2011, p. 15). O advento da fotografia, após a Revolução Industrial Francesa, tornou a imagem mais dinâmica ao se tratar da sua reprodução mecânica.

Segundo Soares (2011, p. 15):

Ao mesmo tempo, impôs a uniformização das representações sociais coletivas e a massificação das aspirações e das mentalidades como forma de controle da opinião pública. Para tanto, a sociedade industrial conformou a educação (para sedimentar e legitimar a ordem social que queria ver estabelecida), fazendo, por outro lado, uma apropriação do discurso midiático, usando-o como seu mais poderoso instrumento disciplinador coletivo.

Em nome da racionalidade econômica, o uso da imagem tornou-se um produto cada vez mais dinâmico. Com o surgimento do cinema, a imagem adquiriu movimento e se tornou mais presente e próxima da realidade. A imagem instantânea, na sociedade atual, assinala a “liberação das consciências através do reconhecimento da autonomia individual e da valorização do subjetivismo”. (SOARES, p. 11).

Por esse aspecto constituíram-se debates acerca dos audiovisuais que transitam pelas redes sociais e em sites de vídeos públicos, possibilitando o conhecimento dos diferentes tipos de técnicas e formatos, como longa metragem, curta metragem, documentários, e são explorados com maior propriedade os vídeos realizados em StopMotion. Nessa técnica de animação, o animador trabalha fotografando objetos, cenas, paisagens, entre outros. São organizados fotograma por fotograma, ou seja, quadro a quadro. Entre um fotograma e outro, o animador muda um pouco a posição dos objetos, gerando a sensação de movimento. Na seqüência, quando o filme é projetado a 24 fotogramas por segundo, temos a ilusão de que os objetos estão se movimentando como na realidade. Esse processo se dá ao importarem-se as imagens para um programa de computador. Nele é possível definir o tempo e a velocidade do vídeo, bem como, se necessário, promover o tratamento das imagens e ainda inserir músicas ou qualquer outro elemento sonoro.

Toda a prática foi relacionada aos temas trabalhados e apoiando as temáticas do projeto. Os audiovisuais foram construídos por meio de imagens (desenhos), fotografias de cenas registradas com câmeras de celulares dos próprios adolescentes, com objetos, sucatas e adereços trazidos e coletados pelos participantes, que se organizaram em grupos para promover a construção dos vídeos.

Ao final do trabalho realizado, todos puderam ver e analisar suas produções e as dos colegas, apontar equívocos, possíveis caminhos para superação desses equívocos, diferentes olhares e avaliar o valor comunicativo de suas produções. Os resultados são apresentados em fóruns de formação na cidade e região, no site da instituição e, muitas vezes, havendo consenso de todo o grupo, em redes sociais e sites de vídeos públicos, como proposta de disseminação e protesto.

Referências

BARBOSA, Ana Mae (Org.) Arte / Educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

CARVALHO, L. M. A influência da arte na formação do indivíduo: experiências em ONGs. *Intervenções (UFPB)*, v. 1, p. 21-30, 2009.

_____. A influência da arte na formação do indivíduo: experiências em ONGs. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Ensino de Artes em ONGs. São Paulo: Editora Cortez, 2008. 144 p.

CASTRO, Mary Garcia (Coord.). Cultivando Vida, Desarmando Violências-Experiências em Educação, Cultura, Lazer, Esporte e Cidadania com Jovens em Situação de Pobreza. 2. ed. DF: UNESCO, 2001. v. 1. 583 p.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011.

ESPAÇO CIRANDA. Disponível em: <http://ciranda.org.br/site/publico/>. Acesso em: 12 de abril de 2012.

INSTITUTO PAULO FREIRE, vários autores. Formação de Educadores Sociais - Projeto JovemPaz, Construção intercultural da paz e da sustentabilidade. Editora Cortez, 2004. 183 p.

PARK, Margareth, Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. (Orgs.). – Campinas, SP: Unicamp/CMU; Holambra, SP: Editora Setembro, 2005. 442p.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011.